



ILAN BRENMAN
HEIDI STRECKER

SILÊNCIO

DOZE HISTÓRIAS UNIVERSAIS
SOBRE A MORTE

Leitor fluente — 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega



Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano... Há o tempo das escrituras e o tempo da

memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como

resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspec-

tiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

Heidi Strecker é escritora e crítica literária. Esteve envolvida com livros desde muito cedo, pois seu pai fundou uma escola na qual era professor e diretor. Ela adorava a escola e confundia estudar com brincar. Mais tarde, formou-se em Letras e Filosofia pela USP e também cursou Teoria Literária na Unicamp. Na vida profissional, já deu aulas de redação e de filosofia, foi gestora no Colégio Modelo, fundou e dirigiu a ONG Centro de Alfabetização Natural e é autora e coautora de obras didáticas. Na literatura, Hedi já foi, algumas vezes, jurada do Prêmio Jabuti e tem textos publicados em antologias poéticas e veículos de comunicação.

RESENHA

A morte é coisa que quase sempre assusta e intriga, nos coloca diante de algo que cria distâncias inimagináveis, torna nossos rostos irreconhecíveis. O velho lenhador de um conto popular judaico, cansado de carregar lenha nas costas, repetidas vezes pede que a morte o leve embora, mas acaba por recuar, quando ela finalmente vem ao seu encontro. O impiedoso rei Gilgamesh, profundamente abatido com a morte de seu parceiro Enkidu, parte em uma longa peregrinação buscando compreender os mistérios

sem resposta. Maui, travesso herói dos maoris, capaz de pescar uma ilha inteira e construir uma armadilha para o Sol, acaba sendo esmagado ao tentar penetrar, às escondidas, o enorme corpo de Hinenuitepo, a deusa da morte. Utanka, velho eremita, não reconhece o deus Krishna no deserto metamorfoseado em um homem vestido de andrajos com feridas com néctar de pus, e perde o néctar da imortalidade. Consumida pela dor da perda, a deusa Ísis viaja por todos os cantos do Egito à procura dos pedaços do corpo de seu amado Osíris; enquanto o deus japonês Izanagui desce ao reino dos mortos para resgatar sua amada Izanami. Tristão e Isolda, Príamo e Tisbe e os Kaigang Naipi e Tarobá arriscam a vida para viver um amor proibido; os gêmeos maias Jun Ajpu e Xbalanque vencem os deuses da morte em uma perigosa partida de futebol. Os dedos decepados de Sedna, que renascem depois de passar por incontáveis experiências de dor e violência, se transformam nos animais marinhos e criam uma outra forma de vida nas profundezas que apenas os grandes xamãs conseguem alcançar.

“A morte interrompe o fluxo das coisas e nos obriga ao silêncio”, nos dizem Ilan Brenman e Heidi Strecker no texto de abertura da coletânea, nos ajudando a compreender a relação entre a *morte* e o *silêncio*, conceitos que dão corpo ao livro. Para se aproximar desse silêncio, compreendê-lo, atravessá-lo, diferentes culturas criaram uma série de narrativas míticas que tratam de situações de limite e perda, em que deuses, heróis, animais e humanos são confrontados pela morte e seus desafios. Cada um deles encontra distintas maneiras de desafiar esse limite e tentar atravessá-lo – mas mesmo para os seres mais poderosos encarar a morte está longe de ser uma experiência simples. Oriundas de diversas partes do mundo, essas narrativas intensas e pungentes nos lembram que cada cultura possui uma maneira distinta de lidar com a perda e pode nos ensinar maneiras de atravessar esse momento inevitável para o qual a civilização ocidental nos preparou muito pouco. A morte, além de nos obrigar a refletir sobre o que significa estar vivo, é, ainda, uma experiência que nos coloca de modo radical diante do outro, já que nela convergem separação e partilha: todos morreremos, mas cada um de nós morre só. Talvez por isso em tantos desses contos os temas de amor e morte se entrelacem.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: contos populares.

Palavras-chave: morte, perda, transformação, amor, jornada, desafio.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Arte.

Competência Geral da BNCC: 3. Repertório cultural.

Tema contemporâneo tratado de forma transversal: Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (8º e 9º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa e a quarta capa do livro, em que encontramos uma moldura de triângulos coloridos, alguns deles apresentando padrões geométricos e fragmentos de imagens. Veja se notam os espaços vazios que surgem entre um triângulo e outro, e o modo como a ilustradora interfere com cores sobre imagens em preto e branco. Comente como os espaços em branco deixados pelas formas evocam o “silêncio” do título.
2. Proponha aos alunos que pensem um pouco a respeito da relação entre o título “Silêncio” e o subtítulo “doze histórias universais sobre a morte”. De que maneira a ideia de *morte* se relaciona com a de *silêncio*?
3. Chame a atenção ainda para o adjetivo “universais”. O que os alunos entendem por *universal*? Proponha que pesquisem definições da palavra em diferentes dicionários e, em seguida, façam uma lista de outras palavras que pareçam aparentadas com esse termo (universidade, universo).
4. Leia com a turma o texto da quarta capa e proponha que, em pequenos grupos, de preferência com colegas em quem confiem, os alunos compartilhem suas impressões e experiências a respeito da morte. Será que algum deles já perdeu um ser querido? Quando se depararam com o tema pela primeira vez? Proponha que conversem um pouco a respeito dos temas indicados nos títulos de cada seção: “A busca da imortalidade” (será que a imortalidade é possível? Os alunos gostariam de ser imortais se pudessem escolher?); “Amores

que nunca morrem” (que amores seriam esses? E quanto aos amores que morrem? Será que os alunos se lembram de personagens de ficção com histórias assim?) e “Morte e renascimento” (o que os alunos acham que acontece depois da morte? O que entendem por renascimento?).

5. Chame a atenção da turma para a epígrafe do livro, de Michel de Montaigne: “Se eu fosse um fabricante de livros, faria um registro comentado das diversas mortes. Quem os ensinasse a morrer ensinaria a viver”. Essa frase pertence ao famoso ensaio *De como filosofar é aprender a morrer*, disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/124035606-michel-de-montaigne-de-como-filosofar-e-aprender-a-morrer.pdf>> (acesso em: 1º set. 2020). Selecione alguns parágrafos do texto para ler e comentar com a turma, e assista com eles ao vídeo do canal do YouTube *Filosofares*, em que Bruno Neppo apresenta o ensaio de maneira bastante acessível: disponível em: <www.youtube.com/watch?v=wBnm5TAcLF4> (acesso em: 1º set. 2020).

6. Proponha aos alunos que comparem o sumário do livro, que apresenta o nome do local de origem de cada narrativa entre parênteses depois de cada título, com o mapa das páginas 8 e 9, que nos permite localizar geograficamente cada narrativa. Veja se percebem como os círculos vermelhos assinalam o lugar de origem de cada título, e que os quadrados coloridos indicam pontos do mapa que reaparecem em outros retângulos da mesma cor em que podemos ver a região em questão em *zoom*, com mais detalhes.

7. O conto judaico “O velho e o anjo da morte” aparece separado dos demais, antes mesmo do texto de apresentação, servindo como uma espécie de prólogo. Leia esse texto com a turma e proponha aos alunos que escrevam um pequeno conto em que imaginem o que fariam, se o anjo da morte viesse visitá-los no momento em que estivessem se ocupando de alguma tarefa corriqueira que lhes pareça desagradável.

Durante a leitura

1. Veja se os alunos percebem como a ilustradora mescla imagens de formas geométricas com fotografias em preto e branco e imagens de animais e plantas em diagonal para criar as belas composições com motivos repetidos que surgem nas duas primeiras e nas duas últimas páginas do livro.

2. Como as narrativas do livro são independentes, sugira que os alunos utilizem o sumário para fazer a leitura dos contos na ordem que desejarem, começando por aqueles que lhes despertem mais curiosidade.

3. O livro encontra-se dividido em três seções temáticas: “A busca da imortalidade”, “Amores que nunca morrem” e “Morte e renascimento”. Cada uma delas é representada por uma cor, que serve de fundo a todos os contos daquela seção, introduzida por uma epígrafe, que aparece na página dupla de abertura de cada uma das partes do livro. Diga aos alunos que procurem compreender a relação entre cada uma das epígrafes com o título da seção, e estimule-os a prestar atenção à maneira como a narrativa se relaciona com o tema principal.

4. Informe aos alunos que cada conto possui uma pequena introdução, em itálico, que ajuda a contextualizar a narrativa que estão prestes a ler. Chame a atenção também para os subtítulos, que introduzem os episódios principais do enredo de cada história.

5. Convide-os a apreciarem a diagramação do livro: a) o título de cada narrativa e a introdução em itálico aparecem em uma página dupla com um fundo colorido e uma ilustração na página à direita; b) nas páginas duplas seguintes, temos, quase sempre, o texto do conto; os subtítulos aparecem em caixa alta; c) as primeiras palavras da primeira frase de cada parte do conto aparecem escritas em negrito, com tamanho diferente do restante do texto; d) em alguns dos contos, pode haver uma ilustração extra, que surge sobre um fundo colorido da mesma cor da página do título, sempre em uma das páginas à direita.

6. Veja se os alunos notam como as ilustrações aparecem, em sua maioria, dentro de um retângulo sombreado que se destaca da cor da página, mas que quase sempre transborda as bordas da caixa, extrapolando os limites da moldura e por vezes alcançando até mesmo a página ao lado.

Depois da leitura

1. Leia com a turma o texto *Morte: para que pensar nisso?*, escrito por psicólogas do grupo 4 Estações, que atua na obra como um posfácio. Leia o texto com os alunos e, em seguida, proponha que, em pequenos grupos, discutam as questões levantadas no texto, que ressaltam a importância de se discutir a morte em uma sociedade que

constantemente nega a consciência da finitude em nome da produtividade e da competitividade. Em seguida, assista com eles ao premiado curta de animação *Coda*, dirigido por Alan Holly, que reflete a respeito da chegada da morte de maneira intimista, sensível e instigante. Disponível em: <<https://vimeo.com/131376602>> (acesso em: 1º set. 2020), mexendo nas configurações de exibição do próprio vídeo, é possível adicionar legendas em português.

2. Uma das personagens mais interessantes da famosa série em quadrinhos *Sandman*, de Neil Gaiman, é, justamente, a Morte, irmã do protagonista Morfeus, o Sonho, que aparece retratada como uma bela e amistosa jovem gótica que ajuda os que devem partir a fazer sua passagem. Gaiman opta por retratar sua figura de maneira jovial e alegre, nos convidando a encarar de outra maneira o momento de morrer. Certamente os alunos vão gostar de *O som de suas asas*, primeira edição de *Sandman* em que a personagem aparece. A editora Panini publicou uma edição, intitulada *Morte*, compilando essa e todas as outras histórias estreladas pela personagem.

3. Muitos dos contos do livro, ao abordar o tema da morte, dão voz ao sentimento dilacerante de perda e saudade daqueles que ficam – a dor da perda de alguém que amamos pode muitas vezes ser mais difícil do que encarar a própria morte. Escute com os alunos a canção “Pedaco de mim”, de Chico Buarque, debruçando-se sobre cada uma das imagens que o compositor evoca para descrever o que é sentir saudade. A versão em dueto de Chico e Zizi Possi, de 1978, é particularmente pungente, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c-qhJy1U3vE>> (acesso em: 1º set. 2020).

4. Como os contos do livro são oriundos de tradições muito diferentes entre si, vale a pena se aprofundar um pouco mais a respeito de cada uma delas. Divida os alunos em doze pequenos grupos e proponha que cada um deles realize uma pesquisa na internet a respeito da cultura que deu origem a cada um dos contos do livro: a) tradição judaica; b) os sumérios e o rei Gilgamesh; c) os maoris, da Polinésia; d) o antigo Egito e seu panteão mítico; e) o Kojiki e a mitologia japonesa; f) os celtas do Reino Unido; g) os Caingangue ou Kaingang, povo indígena do Brasil; h) a Grécia antiga; i) os inuítes, da região Ártica; j) os maias, da América Central; k) a mitologia hindu; l) a tradição do bumba meu boi, do Brasil. Proponha aos alunos que procurem informações tanto a

respeito das figuras míticas quanto do modo de vida desses povos, e, se possível, complementem sua pesquisa com imagens.

5. A narrativa da dor de Gilgamesh diante da morte de seu amigo Enkidu tem sua origem naquela que é uma das mais antigas obras literárias da história da humanidade, intitulada *Aquele que o abismo viu*, atribuída a Sin-léqi-unninni (séc. VII a.C.), anterior aos textos bíblicos, a Homero e a Hesíodo. A obra, escrita em tábuas com escrita cuneiforme, foi redescoberta por arqueólogos ingleses no século XIX. Selecione algumas passagens do poema original para ler com a turma: no Brasil, a obra foi publicada pelas editoras Autêntica e Martins Fontes.

6. Como o texto introdutório do conto já diz, a narrativa de Tristão e Isolda inspirou o compositor alemão Richard Wagner a criar uma de suas mais famosas óperas. Selecione um fragmento da ópera para escutar e assistir com os alunos: nesses *links* é possível assistir a uma bela adaptação da ópera para os palcos, com uma cenografia deslumbrante: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Z0-xk1UPD0>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=HslhgrlIRI0>> (acessos em: 1º set. 2020). Ainda que as legendas estejam em espanhol, com alguma ajuda certamente seus alunos conseguirão reconhecer passagens do enredo.

7. O mito Kaingang que explica o surgimento das Cataratas do Iguaçu foi transformado em curta-metragem em 1995 pelo diretor Marcos Freitas, com narração de Othon Bastos. Assista à obra com a turma. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cdE6I80YKB0>> (acesso em: 1º set. 2020).

8. Um dos contos mais impactantes do livro é certamente *Os dedos decepados de Sedna*, que relata a trajetória extremamente dolorosa de uma deusa que sofre inúmeras violências de seu pai e seu marido antes de tornar-se imortal e dar origem aos animais marinhos. Em homenagem a ela, astrônomos em 2003 batizaram de *Sedna* o planetaide que é um dos corpos mais distantes do Sistema Solar, cerca de três vezes mais distante do Sol do que Netuno. Leia com os alunos o verbete da Wikipedia a respeito desse misterioso corpo celeste, disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/90377_Sedna> (acesso em: 1º set. 2020), e sugira que assistam a esse vídeo informativo que explora modelos computadorizados do Sistema Solar, disponível em: <<https://www.youtube.com/>

[watch?v=d91vKEhg6xM](https://www.youtube.com/watch?v=d91vKEhg6xM)> (acesso em: 1º set. 2020).

9. O conto “Bate-bola com os senhores do inframundo” reconta uma das mais emblemáticas passagens do *Popoh Vuh*, texto sagrado maia. Embora não disponha de legendas em português, talvez valha a pena, mesmo assim, assistir com a turma a essa bela animação inspirada no mesmo episódio, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AKZCLYxchIE&t=319s>> (acesso em: 1º set. 2020). Chamado de *pok-ta-pok* pelos maias, o jogo de bola na Mesoamérica tinha um peso ritualístico, mítico e simbólico bastante importante no mundo pré-hispânico: nas ruínas das antigas cidades maias sempre existem campos dedicados aos jogos de bola, onde eram tomadas importantes decisões da comunidade. Mostre aos alunos imagens de vestígios arqueológicos desses jogos de bola, que costumavam ser bastante violentos e envolver sacrifícios: há muitas informações interessantes na página <<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/jogo-de-bola-combate-mortal/>> (acesso em: 1º set. 2020).

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor e série

A amizade eterna e outras vozes da África. São Paulo: Moderna.

Aprendendo com o aprendiz e outras histórias de mestres e alunos. São Paulo: Moderna.

As narrativas preferidas de um contador de histórias. São Paulo: Moderna.

Viagem ao redor do mundo em 37 histórias. São Paulo: Moderna.

► Do mesmo gênero ou assunto

Contos de enganar a morte, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática.

Contos budistas, de Sherab Chozdin. São Paulo: Martins Editora.

Contos de morte morrida, de Ernani Ssó. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Histórias de índio, de Daniel Munduruku. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

A criação do mundo: contos e lendas afro-brasileiros, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Cia das Letras.